



**SARA DE CASTRO:
UMA BRASILEIRA JUDIA
ENFERMEIRA NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

*Daniel Mata Roque
Israel Blajberg
Fernando Porto*



Resumo: O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar, através dos conceitos teóricos de micro-história (utilizando os textos de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi) e trajetória (com amparo em Pierre Bourdieu), os dados sobre a vida de Sara de Castro¹, brasileira judia de tradicional família estabelecida em Pernambuco, que se voluntariou para integrar, como enfermeira, a Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Através da triangulação de fontes, levantando dados em bibliografia, jornais e documentos de arquivo ainda inexplorados, procuramos compreender sua motivação para seguir para a guerra e a influência de sua família e comunidade religiosa nesse contexto.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; História Militar; História Judaica.

Abstract: This article aims to describe and analyze, through the theoretical concepts of microhistory (using the texts of Carlo Ginzburg and Giovanni Levi) and trajectory (with the support of Pierre Bourdieu), the data on the life of Sara de Castro, a Jewish Brazilian from a traditional family established in Pernambuco, who volunteered to join the Brazilian Expeditionary Force as a nurse during the Second World War. Through the triangulation of sources, gathering data from bibliography, newspapers and archive documents that are still unexplored, we seek to understand her motivation for going to war and the influence of her family and religious community in this context.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force; Second World War; Military History; Jewish History.

INTRODUÇÃO

Em 1942, ao ver-se envolvido (Alves, 2002) naquele que se tornaria o maior conflito armado da história da humanidade, o Brasil encarava a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como a oportunidade de inserir-se no contexto global como uma potência regional consolidada, além de captar desenvolvimento econômico, tecnológico e militar. A motivação popular adveio dos ataques realizados por submarinos alemães e italianos contra a navegação mercante brasileira, até então neutra e desarmada (Moraes, 2005).

Nessa época, já se conhecia o antissemitismo e a violência doméstica dos nazistas contra diversos grupos étnicos, políticos e religiosos, embora não fosse possível imaginar a proporção genocida que tais ações ganhariam. Cerca de uma centena de brasileiros de religião judaica, filhos e netos de imigrantes, integraram-se às forças brasileiras de terra, mar e ar para lutar contra o nazifascismo, com duplo objetivo: defender a pátria contra os agressores e interceder, direta ou indiretamente, pela libertação de sua comunidade religiosa (Blajberg, 2015).

No presente artigo, temos por objetivo analisar a trajetória de Sara de Castro como 2^o tenente enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB), no conflito da Segunda Guerra Mundial, mediante suas origens familiares judaicas.

Para tanto, adotamos o conceito de micro-história (Ginzburg, 1989) na perspectiva do jogo de escalas (Levi, 2000) preconizado por Giovanni Levi. Nele procuramos, por meio do indivíduo, a expressão do engajamento nacional, pelos seus indícios e vestígios deixados como documentação, localizados em arquivos físicos e virtuais, para a construção da narrativa histórica.

¹Imagem de capa: Foto de Jean Manzon, acervo do Centro de Documentação Capitão Altamira Pereira Valadares, sob o gerenciamento da pesquisadora cultural Alessandra Baltazar.



Na reconstituição dessa trajetória (Bourdieu, 1996), abordamos o conceito de “paradigma indiciário”, de Carlo Ginzburg (1992), que compara essa busca à tarefa do caçador, que vai localizar sua presa encontrando, primeiro, pegadas e pelos no caminho, cheiros e movimentos, indícios e vestígios. Em nossa “caçada”, os elementos da natureza foram substituídos por bibliografia, matérias de jornal e documentos cartoriais como fontes históricas.

Adotamos, para o desenvolvimento desta pesquisa, três eixos, mediante a técnica de triangulação das fontes para a construção das argumentações para a narrativa histórica, a saber: 1) Mulheres militares: enfermeiras para a FEB; 2) Sara de Castro, 2^o tenente enfermeira na Segunda Guerra Mundial; 3) Família e comunidade judaica pernambucana.

No primeiro eixo, trataremos do contexto no qual as enfermeiras participaram do conflito internacional; no segundo, apresentaremos Sara de Castro; e, no terceiro, falaremos de sua família e da comunidade judaica do Recife de então, de forma articulada, para a discussão analítica sobre a protagonista da pesquisa. Isso deu origem às limitações e contribuições da pesquisa para o domínio da história militar, até chegarmos às conclusões.

MULHERES MILITARES: ENFERMEIRAS PARA A FEB

O Brasil reconheceu o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália em 22 de agosto de 1942. Nas palavras do General Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra, “declarar guerra, para nós militares, é fazer a guerra. Mas fazê-la, sabemos, é antes de mais nada para ela preparados estarmos” (Leite; Júnior, 1983), sintetizando que “os americanos, fortes e ricos como são, forneçam-nos os meios para nos equiparmos” e “saberemos cumprir nossos deveres” (Ibid., p. 217). O interesse era recíproco: na visão norte-americana, segundo o historiador Fernando Rodrigues, “o Brasil armado representava a defesa da metade da América do Sul e a certeza da cooperação com a segurança do restante” (Rodrigues, 2017, p. 217).

A negociação deu certo: não satisfeito com uma posição passiva, o governo brasileiro optou por atuar diretamente no campo de batalha, criando, em 9 de agosto de 1943, a FEB, que iria lutar no Teatro de Operações do Mediterrâneo, especificamente no norte da Itália – totalmente equipada pelo Exército dos EUA e enquadrada em sua estrutura.

Para tornar-se uma divisão na estrutura americana, a FEB passou por mudanças doutrinárias e operacionais, ajustando forma de pensar e de combater, além de alterar a estrutura organizacional e criar funções e unidades (Moraes, 2005). Sobre a forma de combater, surgiram novos armamentos e uma visão mais ofensiva, por exemplo. No aspecto organizacional, foram seguidos os padrões ternários americanos: uma divisão tem três regimentos de infantaria, cada um subdividido em três batalhões, por sua vez cada batalhão com três companhias. Nos interessa, particularmente, a criação de funções, unidades e serviços, como a Companhia de Polícia, a Companhia de Transmissões, o Depósito de Pessoal, a Capelania Militar e, claro, o grupamento de enfermeiras (Mattos, 2001) que seria agregado ao serviço hospitalar.

Era preciso equipe para atender aos brasileiros e desafogar o serviço das enfermeiras americanas, na guerra desde 1941. No Serviço de Saúde do Exército, que não dispunha de enfermeiras, iniciou-se essa profunda transformação e, por meio do Decreto-lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (Medeiros, 1987). Pela primeira vez na história brasileira, as mulheres ingressavam de forma oficial nas Forças Armadas.



Com a premência da organização do quadro, o Exército aceitou mulheres com diferentes tipos de formação e experiência. Como pré-requisito, deveriam ser brasileiras natas, solteiras ou viúvas (em ajuste posterior, aceitariam mulheres casadas, desde que com o consentimento do marido), ter entre 22 e 45 anos de idade e alguma formação em enfermagem (Oliveira, 2010).

Parte das enfermeiras era “diplomada”, ou seja, havia cursado o equivalente a um curso de nível superior em escolas da época, como a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), a Escola Alfredo Pinto (EAP) e a da Universidade de São Paulo (USP). O curso tinha a duração de três anos e esse grupo representou a minoria do efetivo (Bernardes, 2003).

Outro grupo de enfermeiras era o de “samaritanas”, formadas pela Cruz Vermelha Brasileira em um curso de um ano, próximo do que seria, hoje, uma formação técnica.

A maior parte das enfermeiras da FEB, no entanto, era de “voluntárias socorristas”, também formadas em curso ministrado pela Cruz Vermelha Brasileira, com duração de três meses, voltado para formação emergencial e com alta procura, motivada pela contingência da guerra. Muitas mulheres que concluíram esse curso trabalhavam em outras áreas, não possuíam nenhuma experiência na área da saúde e procuraram a enfermagem especificamente com o objetivo de seguirem para o voluntariado da guerra (Roque, 2019).

Muito embora carregassem bagagens acadêmicas, formação e experiência muito diversas, sendo ainda um grupo bastante heterogêneo quanto à condição e origem econômica, muitas enfermeiras compartilhavam o passado militar no sangue: eram filhas, netas ou sobrinhas de generais e almirantes brasileiros, de alguma forma ligadas à vida militar, com parentes ou amigos na FEB. Algumas descendiam de heróis da Guerra da Tríplice Aliança, como foi o caso das enfermeiras Aracy Arnaud Sampaio, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero e Lúcia Osório (Ibid.).

Para a adequação à vida militar, foi criado o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), oferecido no Rio de Janeiro (com as maiores turmas) e ainda nas regiões militares sediadas no Ceará, em Minas Gerais, na Bahia e no Paraná (Medeiros, 1987). As atividades incluíam muito exercício físico, ordem unida, marcha, noções da vida militar e estágio em unidades hospitalares do Exército. Concluído o curso, parte das voluntárias era convocada e nomeada Enfermeira de 3ª Classe (Bernardes, 2007).

É interessante destacar essa nomenclatura, criada especialmente para essas novas mulheres, que então não eram nem civis nem oficialmente militares. Não receberam, de início, posto ou graduação, e foram remuneradas com o soldo de 3º sargento.

Apenas durante a guerra, com enfermeiras já na Itália e trabalhando em hospitais norte-americanos, foram “arvoradas” ao posto de 2º tenente (Bernardes, 2003), pelo Boletim Interno da FEB nº 175, assinado pelo comandante da FEB, General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. Foram as primeiras oficiais brasileiras, as primeiras mulheres com posto militar. Resolveu-se, assim, o constrangimento que envolvia saber em quais barracas elas deveriam dormir ou em quais mesas deveriam comer, por exemplo, já que antes não eram nem civis nem militares, nem oficiais nem praças, embora já andassem fardadas. Interessante notar que o soldo, o pagamento, continuou equiparado ao de 3º sargento, hierarquicamente inferior (Ibid.).

A partir de julho de 1944, as enfermeiras começam a seguir, por via aérea e com diversas escalas no Brasil e na África, para o Teatro de Operações. O primeiro grupo de enfermeiras chega à Itália em 15 de julho, na véspera do primeiro escalão de combatentes brasileiros, que seguia em navios de transporte de tropas (Ibid.).

Complementando a estrutura do Serviço de Saúde na retaguarda, baseada na formação de seções brasileiras funcionando anexas aos hospitais norte-americanos, onde eram agrupados médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos e pessoal de apoio administrativo da FEB, criou-se o Transporte Aéreo de Evacuação (TAE) – (Roque, 2019), baseado em Natal/RN e responsável por voar até a Itália e realizar a evacuação de feridos graves e convalescentes de volta para o Brasil, para tratamento mais complexo ou prolongado. No TAE, também havia a necessidade de enfermeiras para acompanharem os pacientes no longo voo, que comumente não trazia médicos a bordo (Bernardes, 2003). Para tal função, em vez de escalarem oficiais da Força Aérea Brasileira, que contava com seis enfermeiras no hospital de Livorno, na Itália, foram destacadas enfermeiras da FEB para o serviço aéreo do TAE, já que era uma estrutura do Exército.

Foi nesse contexto que Sara de Castro partiu para a Segunda Guerra Mundial. Sendo ela brasileira, judia e enfermeira, tornou-se também militar para atender os doentes e feridos no combate.

SARA DE CASTRO, 2º TENENTE ENFERMEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Sara de Castro nasceu na cidade do Recife, capital do Estado brasileiro de Pernambuco, em 8 de março de 1919². Era filha de Manoel José de Castro e Fanny Basbaum, ambos imigrantes judeus naturais do então Império Russo. No início da vida adulta, Sara mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, onde fez o curso de Samaritana na Cruz Vermelha Brasileira, tornando-se enfermeira.



Figura 1 – Sara de Castro em seu uniforme de enfermeira da FEB
Fonte: Valadares, 1976, p. 98

²Certidão de Nascimento de Sara de Castro (08-03-1919). Brasil, Pernambuco, Registro Civil, 1804-2016, *database FamilySearch*.



Decidida a ajudar no esforço de guerra como enfermeira militar, integrou a segunda turma (Medeiros, 2003) do CEERE da 1ª Região Militar, no Rio de Janeiro, concluindo-o em 21º lugar, com média final 6,37, no segundo semestre de 1944. Voluntária para integrar a FEB, foi convocada em 29 de julho de 1944, sendo designada, em outubro do mesmo ano, para fazer o Curso de Enfermagem em Transporte Aéreo na Base Aérea de Parnamirim, em Natal/RN (Ibid.).

Segundo relato da Major Elza Cansanção Medeiros, também veterana da FEB e autora de bibliografia sobre o tema, Sara fez sua primeira viagem a serviço em 4 de janeiro de 1945, seguindo para a Itália com um grupo de enfermeiras em deslocamento para o *front*. Retornou ao Brasil transportando pacientes em 17 de junho de 1945 (Ibid.).

O texto da Major Elza não deixa claro qual foi a atuação de Sara na Itália ao longo desses seis meses: se trabalhou como enfermeira nos hospitais americanos junto com as outras colegas da FEB ou se fez outras viagens de evacuação ao Brasil ou aos Estados Unidos da América, para onde eram encaminhados feridos graves, especialmente vítimas de amputação que precisavam de próteses ortopédicas e reabilitação, inclusive os brasileiros. Na documentação até agora levantada, também não conseguimos precisar sua atuação nesse período.

Esses dados básicos sobre a atuação de Sara na FEB foram extraídos da obra *Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo*, publicada pela Major Elza em 2003. Outro trabalho relevante da bibliografia produzida pelas próprias enfermeiras é o livro *Álbum biográfico das febianas*, publicado em 1976 pela Capitã Altamira Pereira Valadares, também veterana da FEB, que não traz nenhum dado a mais sobre Sara. Ao contrário, o trecho sobre ela, resumido a um parágrafo, informa exatamente os mesmos dados que a Major Elza transcreve dali em seu livro, décadas depois, fazendo pequena ampliação (como, por exemplo, a nota obtida no CEERE).

Na obra de 1976, a Capitã Altamira conclui com a seguinte observação sobre Sara: “Não consegui nada diretamente nem tenho a sua folha de alterações. Após a guerra, ela passou a residir nos Estados Unidos da América do Norte e sua família pouco soube informar. Fiz esse resumo” (Valadares, 1976, p. 98-99).

Ainda segundo a Major Elza, Sara de Castro recebeu as medalhas de Campanha e de Guerra e foi licenciada do serviço ativo do Exército em 5 de novembro de 1945, assim como todas as enfermeiras da FEB, já que não havia nenhuma previsão legal para a permanência de mulheres na carreira militar em tempos de paz.

Essa possibilidade só viria 12 anos depois, em 1957, por meio da Lei nº 3.160, de 1º de junho de 1957, proposta pelo deputado federal Fernando Ferrari, que abraçou a causa pela qual as veteranas lutaram por 12 anos. Do total de 67 veteranas da FEB, 46 enfermeiras requereram o retorno ao Serviço de Saúde do Exército. Doze já haviam sido reformadas por incapacidades físicas e emocionais adquiridas na guerra (Camerino, 1983). Apenas nove enfermeiras tinham capacidade produtiva e decidiram não se apresentar, dentre as quais estava Sara de Castro. Segundo Elza, Sara havia trabalhado no pós-guerra em funções administrativas na Companhia Siderúrgica Nacional e em outros escritórios, indo depois residir nos EUA.

Registro de imigração localizado sobre Sara mostra uma entrada nos EUA³, na cidade de Baltimore, Estado de Maryland, em 26 de dezembro de 1946. Segundo a ficha, Sara informou como procedência o

³Imigração da enfermeira Sara de Castro para os EUA (dezembro de 1946) - Maryland, Baltimore Passenger Lists Index, 1897-1952, database FamilySearch



Rio de Janeiro e como parente mais próximo o tio Adolpho Basbaum, com endereço carioca. A passagem foi paga pela mãe e, no campo “occupation” (ocupação), o registro diz, em inglês, “none” (nenhuma). Como endereço em que ficaria nos EUA, há o número 239 do Central Park, na cidade de Nova Iorque, e o nome de Celia Feldberg, sem indicação de ser parente ou amiga. O manifesto de passageiros do navio⁴ *SS Joseph M Medill*, que a transportava, registra a data de partida do Rio de Janeiro três semanas antes, em 3 de dezembro de 1946. Nesse documento, consta que Sara era alfabetizada, falava três idiomas (português, inglês e francês) e, no campo “race or people” (raça ou povo), foi informado “latino-americano”. Não há menção à religião judaica nos documentos.

Destacamos que, em seu último livro, publicado em 2003, Elza relata que Sara ainda estava viva e residindo na cidade de Nova Iorque, estando “muito perturbada mentalmente” (Medeiros, 2003, p. 159). Não cita, no entanto, fonte para tais afirmações nem há detalhamento ou explicação sobre esse diagnóstico. A mesma Major Elza, em uma entrevista, afirmara que “todos os veteranos são neuróticos de guerra. Os que dizem que não são estão em pior estado, porque ainda não reconhecem” (Ribeiro, 2007).

Há indícios, em pesquisas preliminares, de que mais de uma enfermeira da FEB foi reformada (apontada com vencimentos militares), nos primeiros anos após o fim do conflito, com o diagnóstico de “neurose de guerra”, julgadas incapazes para o serviço ativo em função das sequelas psicológicas advindas da experiência desumana que é a guerra. Não encontramos nenhuma documentação que aponte que Sara tentou esse reconhecimento do Estado, nem podemos afirmar que sofresse tais sequelas décadas depois da guerra.

Não conseguimos estabelecer com exatidão a data ou a causa da morte de Sara de Castro, mas, pela triangulação de fontes (livro de Elza Cansanção, registros documentais na plataforma *FamilySearch* e notícias de jornal encontradas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Brasil), acreditamos que o falecimento tenha ocorrido na cidade norte-americana de Nova Iorque em 23 de outubro de 2001, quando contava com 82 anos de idade⁵, antes, portanto, da publicação do livro da Major Elza, que deixa claro não ter mais contato com Sara há bastante tempo.

Até onde nos foi possível pesquisar, Sara de Castro, como muitas das enfermeiras da FEB, jamais se casou ou teve filhos, apesar de não podermos afirmar maiores detalhes de sua vida sentimental.

FAMÍLIA E COMUNIDADE JUDAICA PERNAMBUCANA

A relação da comunidade judaica imigrante com a Região Nordeste brasileira é bastante antiga. O Brasil foi a porta de entrada dos judeus no Novo Mundo, onde começaram a se estabelecer já em 1500, desde o Recife (Blajberg, 2015). Os primeiros judeus eram chamados *anussim* (forçados), que foram trazidos junto com presos políticos e delinquentes comuns para desenvolverem a nova colônia portuguesa. Em 1630, a Holanda invadiu o Nordeste do Brasil, marcando o renascimento judaico no Recife, pois os holandeses eram de religião protestante calvinista, em contraponto à “Sancta Inquisição” dos portugueses, que de santa não tinha nada e perseguiu milhares de judeus na península Ibérica, de onde fugiram para Amsterdã. Dos 7.500 holandeses que desembarcaram no Recife, 1.500 eram judeus. A primeira

⁴Imigração da enfermeira Sara de Castro para os EUA (dezembro de 1946) – Maryland. Baltimore Passenger Lists, 1820-1948, NARA record, database FamilySearch.

⁵United States Social Security Death Index, database, Familysearch – Sara Castro, 23 Oct 2001; citing U.S. Social Security Administration.



sinagoga em solo americano foi construída no Recife, em 1636, chamada *Kahal Kadosh Zur Israel* (Santa Comunidade Rochedo de Israel) – (Mello, 1989).

O primeiro rabino do Brasil e das Américas (Ibid.), Isaac Aboab da Fonseca, chegou ao Recife em 1642, ali permanecendo até a expulsão dos holandeses em 1654, tendo escrito o primeiro poema em hebraico no Brasil, acompanhado do segundo rabino do Brasil, Rafael de Aguiar Mossé. Os judeus muito contribuíram para a cultura da cana e a produção do açúcar, naquele tempo usado como remédio, que valia seu peso em ouro. Os judeus dominavam a tecnologia e muitos engenhos eram de sua propriedade e possuíam uma sinagoga, além da capela.

Engenheiros judeus construíram fortes e a primeira ponte Recife-Mauritia, projetada pelo judeu Baltazar da Fonseca. Eram os tempos de Maurício de Nassau, que aqui chegou com cientistas que estudaram a flora e a fauna, e artistas como Franz Post. Também nesse Recife Judaico, formou-se a primeira unidade militar judaica a entrar em combate desde a queda do Templo de Salomão, no ano 70 d.C., quando as legiões romanas conquistaram Jerusalém (Wolf; Wolf, 1979).

A derrota holandesa determinou o fechamento do maior símbolo do judaísmo brasileiro, a Sinagoga *Kahal Zur Israel*⁶, e a emigração em massa dos judeus para Curaçao, Europa e até para uma ilha distante, onde fundaram a Nova Amsterdã, hoje cidade de Nova Iorque. Foi do Recife, em 7 de setembro de 1654, que um grupo de 23 judeus sefaradim de língua holandesa partiu para a Nova Amsterdã num desesperado esforço para escapar da Inquisição novamente imposta por Portugal. Esses 23 imigrantes – os primeiros judeus a aportarem em terras norte-americanas – estabeleceram a Shearith Israel, a primeira sinagoga da atual Nova Iorque⁷.

O curto período de governo holandês (1630-1654) teve grande significado para a cultura brasileira, convivendo o elemento português, africano, índio, judeu e holandês em tolerância e liberdade, tornando possível o desenvolvimento em todos os setores da sociedade. Apenas em 1773, um decreto da Coroa Portuguesa aboliu a Inquisição contra os judeus (Ibid.). Séculos depois, na segunda metade do XIX, inicia-se novo movimento migratório intenso de judeus europeus para o Brasil, com destaque, mais uma vez, para a Região Nordeste e, especialmente, Pernambuco⁸.

O porto do Recife era o primeiro na rota dos judeus refugiados da Europa. Sem dinheiro para seguir viagem, muitos se estabeleciam por ali mesmo. Eram os judeus mais pobres, que não tinham condições de ir para o Rio de Janeiro ou Buenos Aires. Muitos vinham só com a roupa do corpo, cruzavam o Atlântico para não mais voltar (Kaufman, 2001).

⁶Com a partida dos judeus, a sinagoga ficou perdida através dos séculos. O prédio original foi demolido no início do século XX, substituído por um banco e depois por uma loja de ferragens. No final do século, o pesquisador José Antônio Gonsalves de Mello, o maior estudioso do Tempo dos Flamengos, redescobriu sua história e localização. Em 1989, publicou seu famoso livro *Gente da Nação*. A Federação Israelita de Pernambuco (FIPE) encarregou o Prof. Dr. Marcos Albuquerque, do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de escavar a localização na Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus, e revelar ao mundo a Sinagoga Kahal Tzur Israel do Recife Antigo. Após três séculos oculta pelo véu do tempo, a sinagoga mais antiga das Américas foi reinaugurada para o público em geral em 18 de junho de 2002, como museu e centro de documentação, com investimento de US\$ 500 mil para sua restauração pela Fundação Safra, de São Paulo, e pelo Governo do Estado de Pernambuco. Os trabalhos revelaram a existência de oito diferentes camadas de pisos ao longo do tempo, além das fundações da sinagoga e os restos de uma mikvah (banho ritual). Foram restaurados o púlpito utilizado para a leitura da Torá e a Bimá. A mikvah e o piso original de pedra podem ser vistos através de placas de vidro. No andar superior, painéis em português e inglês contam a história dos judeus do Recife. Seu endereço atual é rua do Bom Jesus, 197-203, Bairro do Recife (Recife Antigo). Portanto, ao eminente professor Marcos Albuquerque, pesquisador associado do CEPHiMex, muito deve a História Judaica.

⁷Portal www.visaojudaica.com.br. Acesso em: 21 out 2023.

⁸Atualmente há duas sinagogas no Recife: uma mais recente, ortodoxa, do Beit Lubavitch, e outra liberal, a Sinagoga Israelita do Recife, construída em 1927, no bairro da Boa Vista, à rua Martins Junior nº 29. É o último sítio remanescente do período dos judeus da Boa Vista, quando ali moravam quase todos os membros da comunidade israelita. Atualmente, além de funcionar como sinagoga, o espaço atende a objetivos culturais e museológicos, sendo aberto diariamente ao público.

Na década do nascimento de Sara de Castro, 1910, o Recife já possuía uma primeira casa de orações, situada em residência particular. Em 1918, surgiram o Centro Israelita de Pernambuco e a escola *Idishe Shul*. Nesse mesmo período, nova leva de imigrantes, refugiados da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), reforçou a comunidade já estabelecida. Em 1927, foram abertos o cemitério judaico e a Sinagoga Israelita da Boa Vista (atual Sinagoga Israelita do Recife), seguindo-se a sinagoga sefaradita em 1930⁹. Havia então diversas instituições na comunidade, incluindo cinco escolas, o *Relief* (que dava auxílio aos imigrantes recém-chegados), clube, biblioteca, teatro *idish*, movimentos juvenis sionistas e as organizações femininas *Wizo* e *Pioneiras*¹⁰. Nos bairros Boa Viagem e Boa Vista, concentravam-se os judeus, em número que atingiu 1.600 almas^{11,12}.

Os pais de Sara, Manoel José de Castro e Fanny Basbaum, casaram-se no Recife em fevereiro de 1917¹³ e descendiam de tradicionais famílias estabelecidas na cidade. Manoel era filho de José de Castro (em 1919, já falecido) e Balbina de Castro; Fanny era filha de Isaac Basbaum e Clara Basbaum.

O casal Manoel e Fanny trabalhava no comércio e residia na praça Maciel Pinheiro, nº 363, no bairro da Boa Vista, endereço onde Sara foi dada à luz¹⁴. Na página virtual da Fundação Joaquim Nabuco, há um verbete histórico sobre a Praça Maciel Pinheiro, que faz o seguinte registro:

Antes da II Guerra Mundial, em decorrência do antissemitismo e das graves perseguições contra os judeus, ocorre uma grande migração para Pernambuco, principalmente por parte da população judaico-europeia. Essas famílias se instalam, de início, no bairro da Boa Vista.

Por sua condição geográfica, a Praça Maciel Pinheiro se torna o reduto da colônia judaica do Estado, representando o principal fórum de encontros e debates tanto por parte dos imigrantes, quanto ainda dos pernambucanos residentes em seus arredores. Além do português, o que mais se ouvia ali era o *íídiche*, língua falada pelos judeus *askenazim* – aqueles provenientes da Europa Oriental. E, nos bancos da praça, discutiam-se as últimas novas relativas à política, ao comércio, às artes, à literatura, e outros assuntos. A população não judia e menos escolarizada, residente no Recife, devido à falta de conhecimento, costumava referir-se àqueles judeus como os russos (Vainsencher, 2003).

Destaca ainda a autora do verbete que outra eminente figura da comunidade judaica de imigrantes russos nasceu em endereço daquela praça: a escritora Clarice Lispector (1925-1977) – (Ibid.), cuja família fugira da região que hoje compreende a Ucrânia.

A família materna de Sara, Basbaum, vinha de longe¹⁵. Seus antepassados nasceram e cresceram na mesma região histórica da Bessarábia, hoje dividida entre Ucrânia e Moldávia, fronteiras com a Romênia e a Rússia. Havia dezenas, centenas de pequenas cidades onde floresciam comunidades judaicas. Um

⁹FEDERAÇÃO ISRAELITA DE PERNAMBUCO. História da Comunidade Judaica de Pernambuco. Disponível em: <https://www.conib.org.br/federadas/9-conteudo/83-fipe-federacao-israelita-de-pernambuco.html>. Acesso em: 22 out 2023.

¹⁰Ibid.

¹¹Ibid.

¹²Hoje, Recife tem aproximadamente tantos judeus quanto tinha em 1654 (cerca de 1.500), não sendo, portanto, descendentes dos sefaraditas que viveram ali nos anos 1600. A população judaica do Recife ficou estagnada em função de limitações geográficas e econômicas. As comunidades mais próximas ficam em Salvador (500), Fortaleza (120) e Natal (40). A comunidade judaica brasileira hoje tem cerca de 120 mil pessoas, concentradas sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais.

¹³Certidão de Nascimento de Sara de Castro (8 mar 1919) – Brasil, Pernambuco, Registro Civil, 1804-2016, databaseFamilySearch.

¹⁴O sobrado onde Sara de Castro nasceu ainda está de pé, conservando o mesmo endereço.

¹⁵Uma das possíveis origens para a família Basbaum no Brasil remonta ao século XIX, com a chegada ao Rio de Janeiro de Abraham Basbaum, imigrante judeu-polonês, que se estabeleceu na cidade. Ele fundou a primeira fábrica de sapatos Carioca, e seus descendentes seguiram seus passos no ramo empresarial. Não foi possível, no entanto, confirmar se a família de Sara de Castro, em Pernambuco, tem relação com essa família de Abraham Basbaum, no Rio de Janeiro, embora os pernambucanos depois tenham se espalhado e vindo, também, para a cidade carioca.



mundo que acabou. A família Basbaum tornou-se bastante conhecida e influente na comunidade judaica pernambucana e brasileira.

Isaac Basbaum, avô materno de Sara, dedicou-se ao comércio de joias e à ourivesaria. Nascido no Império Russo, faleceu em 11 de março de 1945 – quando a neta Sara estava na Itália, auxiliando, como enfermeira, no combate aos inimigos nazifascistas – na cidade do Rio de Janeiro, aos 73 anos de idade e já viúvo de Clara Basbaum, deixando 11 filhos maiores¹⁶. Foi sepultado no Cemitério Israelita de Vila Rosali, em São João de Meriti/RJ. Sua filha Fanny, mãe de Sara, faleceu também no Rio de Janeiro em 1º de outubro de 1971, sendo sepultada no Cemitério Comunal Israelita do Caju¹⁷. Teve ao menos mais dois filhos além de Sara: David e José.

Uma figura famosa nessa árvore genealógica foi Leôncio Basbaum¹⁸, irmão de Fanny e tio de Sara. Leôncio nasceu no Recife em 6 de novembro de 1907. Formou-se em medicina, mas dedicou-se especialmente à escrita e à militância política. Foi membro da Comissão Central do Partido Comunista Brasileiro, fundador e secretário-geral da Juventude Comunista e um dos principais teóricos de esquerda do Brasil, com diversos livros publicados e fundando sua própria editora, Agência Literária. Dentre seus livros destacam-se *História Sincera da República* (em quatro volumes), *Fundamentos do Materialismo* e *Caminhos Brasileiros do Desenvolvimento*. Faleceu em São Paulo em 7 de março de 1969, sendo sepultado no Cemitério Israelita do Butantã.

Outro tio materno de Sara, Adolfo Basbaum, teve destaque na vida brasileira: fundou, em 1944, a rede de comércio varejista Lojas Brasileiras (LOBRÁS), cujo primeiro endereço foi na mesma região recifense da Boa Vista, na rua da Imperatriz nº 37. A empresa teve dezenas de lojas em diversos estados brasileiros, contando com quase 2.000 funcionários, até fechar as portas em 1999. Sara, assim como diversos membros da família, era acionista da LOBRÁS¹⁹.

Adolfo também foi presidente (1961-1969) da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), voltada para atendimento a pessoas com sequelas e limitações motoras²⁰, e do tradicional Lions Club da Urca (1960), entidade filantrópica voltada para trabalhos voluntários, comunitários e assistenciais, além de integrar a diretoria do Banco Nacional Brasileiro²¹. Também fundou, no bairro carioca de Botafogo, a Maternidade Clara Basbaum, em homenagem à sua mãe, mantida por uma fundação de mesmo nome. Nascido no Recife em 1901, Adolfo faleceu no Rio de Janeiro no dia 5 de setembro de 1969, sendo sepultado no Cemitério Comunal Israelita do Caju²².

Como podemos observar, ao longo do século XX a família Basbaum cresceu e se espalhou por diversas regiões do país, mantendo seu legado cultural e empresarial. Hoje, existem numerosos descendentes espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Uma integrante menos conhecida dessa linhagem, e que não carregava mais o sobrenome, era a enfermeira militar Sara de Castro, sobre quem trata de forma central a presente pesquisa e a quem retornamos agora nossa lupa micro-histórica, na busca de indícios.

¹⁶Certidão de óbito de Isaac Basbaum (11 mar 1945). Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012, Quinta Circunscrição, database FamilySearch.

¹⁷BRASIL. Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, 2 out 1971, p. 20.

¹⁸BRASIL. *Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acervo Leôncio Basbaum. Disponível em: <https://amorj.ifs.ufrj.br/arquivos/LE%C3%94NCIO%20BASBAUM.pdf> Acesso em: 21 out 2023.

¹⁹BRASIL. *Diário Oficial da União*, 5 fev 1954, p. 1.715

²⁰ABBR. *Institucional*. Disponível em: <https://abbr.org.br/nossa-historia/> Acesso em: 22 out 2023.

²¹BRASIL. Biblioteca Nacional. *Correio da Manhã*, 12 out 1966, p. 10.

²²BRASIL. Biblioteca Nacional. *Diário de Notícias*, 6 set 1969, p. 6.



Cabe ressaltar a contribuição da comunidade judaica dos anos 1940 ao desenvolvimento brasileiro, com destaques econômicos e culturais, e com consciente participação na vida militar nacional, apresentando-se para uma luta de duplo significado. Segundo Israel Rosenthal (1921-2021), oficial dentista também voluntário para integrar a FEB, lutar na Segunda Guerra Mundial era uma obrigação como brasileiro e como judeu, pois o Brasil tinha sofrido “covardes torpedeamentos, sem sentido nenhum” e ele “sabia o que estava acontecendo na Alemanha”, então “tinha obrigação de ajudar”²³.

Não podemos afirmar que Sara de Castro tivesse o mesmo conhecimento e a mesma convicção, mas as fontes encontradas nos permitem inferir e nos instigam a prosseguir e aprofundar a pesquisa.

Por meio da trajetória de Sara, enxergamos todo um grupo de mulheres, atingidas pela “síndrome de Anna Nery”²⁴, que se tornaram enfermeiras para poderem ser militares, e se tornaram militares por um ideal, uma aventura, uma paixão ou uma visão de oportunidade financeira e ascensão social. Essas mulheres ajudaram a transformar o Exército Brasileiro.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contribuiu significativamente, portanto, para uma série de mudanças econômicas, políticas, militares, geopolíticas e sociais. A trajetória de Sara – brasileira, judia, enfermeira e militar – é um desses exemplos.

Sobre Sara de Castro, ainda há bem poucas informações disponíveis e, em nossa pesquisa, pouco conseguimos avançar até agora, apresentando uma evidente limitação deste estudo pelo pouco acesso a fontes²⁵. É preciso prosseguir na pesquisa da documentação e possibilitar a triangulação de fontes.

Em contrapartida, o artigo conseguiu trazer alguma documentação inédita localizada em arquivos para a construção da narrativa sobre a trajetória de Sara de Castro. Assim sendo, contribuímos para o debate historiográfico a respeito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao trazer à tona a participação nacional da comunidade judaica e o pioneiro ingresso de mulheres nas Forças Armadas, fato que influenciou decisivamente a criação de quadros femininos para a carreira militar a partir de 1980.

CONCLUSÃO

Ao cumprirmos o objetivo de analisar a trajetória de Sara de Castro, como 2º tenente enfermeira da FEB no conflito da Segunda Guerra Mundial, mediante suas origens familiares judaicas, podemos apresentar algumas ideias.

Dentre diversos aspectos para pontuar, optamos por uma ideia que consideramos central: Sara de Castro era uma mulher à frente de seu tempo, que se tornou integrante do primeiro grupo de mulheres militares do Brasil e tomou parte, ajudando a minorar o sofrimento humano, em um conflito mundial de proporções criminosas, em que sua nacionalidade foi atacada e seu grupo étnico-religioso sofreu um genocídio.

²³ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL. Direção: Israel Blajberg. Produção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes; Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2016. 1 DVD (72 min).

²⁴OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. in *Aquelas mulheres de farda*. Direção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes; Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2018. Filme digital (72 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xfusHHEKzmk>.

²⁵Nas pesquisas realizadas no Arquivo Histórico do Exército (AHEx), ainda não foi possível localizar nada sobre Sara de Castro, nem a existência de sua pasta pessoal e folhas de alterações.



Dessa forma, em um mundo ainda coalhado de preconceitos e discriminação, acreditamos que esta pesquisa se enquadra em um painel mais amplo sobre a construção da nacionalidade brasileira e a formação do povo brasileiro, essencialmente miscigenado e multicultural, receptivo, integrador e diverso – mas coeso na busca por paz e liberdade.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2002.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AQUELAS MULHERES DE FARDA. Direção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes; Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2018. Filme digital (72 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xfusHHEKzmk>.

BERNARDES, Margarida *et al.* *Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos [online]. 2022, v. 29, n. 2, p. 531-550. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702022000200013>.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. *As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front italiano*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 447–453, set. 2007.

BLAJBERG, Israel. *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*. Resende: AHIMTB, 2015.

CAMERINO, Olímpia de Araújo. *A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1983.

ESTRELA DE DAVID NO CRUZEIRO DO SUL. Direção: Israel Blajberg. Produção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes; Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2016. 1 DVD (72 min).

FEDERAÇÃO ISRAELITA DE PERNAMBUCO. *História da Comunidade Judaica de Pernambuco*. Disponível em: <https://www.conib.org.br/federadas/9-conteudo/83-fipe-federacao-israelita-de-pernambuco.html>. Acesso em: 22 out 2023.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.



GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KAUFMAN, Tânia Neumann. *Passos perdidos, história recuperada: a presença judaica em Pernambuco*. Recife: Bagaço, 2001.

LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MEDEIROS, Elza Cansanção. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987.

MEDEIROS, Elza Cansanção. *Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo*. Rio de Janeiro: edição da autora, 2003.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Gente da Nação: cristãos-novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1989.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

MOTTA, Aricildes de Moraes. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

RIBEIRO, Flávia. Major Elza Cansanção: Exército da Salvação. *Aventuras na História*, São Paulo. 1º jan 2007. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/major-elza-cansancao-exercito-salvacao-435085.phtml>. Acessado em: 16 ago 2022.

RODRIGUES, Fernando da Silva. *Militares, Poder e Sociedade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2019.

VAINSENCER, Semira Adler. Praça Maciel Pinheiro. *Fundação Joaquim Nabuco*. 17 jul 2003. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=618&Itemid=1. Acesso em: 21 out 2023.

VALADARES, Altamira Pereira. *Álbum Biográfico das Febianas*. Batatais: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976.



WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. *A odisseia dos judeus no Recife*. São Paulo: CEJ, 1979.

FONTES

BRASIL. Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acervo Leôncio Basbaum. Disponível em: https://amorj.ifcs.ufrj.br/arquivos/LE%C3%94NCIO_%20BASBAUM.pdf. Acesso em: 21 out 2023.

Certidão de nascimento de Sara de Castro (8 mar 1919). Brasil, Pernambuco, Registro Civil, 1804-2016, *database FamilySearch*.

Certidão de óbito de Isaac Basbaum (11 mar 1945). Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012, Quinta Circunscrição, *database FamilySearch*.

Imigração da enfermeira Sara de Castro para os EUA (dezembro de 1946), Maryland, Baltimore Passenger Lists Index, 1897-1952, *database FamilySearch*.

PERIÓDICOS

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Correio da Manhã*, 12 out 1966, p. 10.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Diário de Notícias*, 6 set 1969, p. 6.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Jornal do Brasil*, 2 out 1971, p. 20.

BRASIL. *Diário Oficial da União*, 5 fev 1954, p. 1715.



Daniel Mata Roque é cineasta e historiador. Está cursando o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/Brasil. Associado Titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

ID Lattes: 8589550266285829.



Israel Blajberg é engenheiro eletrônico e pesquisador de História Militar. Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Seção Rio de Janeiro e Associado Titular (decano) do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

ID Lattes: 6043152363216189.



Fernando Porto é historiador e enfermeiro. Possui doutorado em Enfermagem, com pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo. Professor Associado III da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e vice-presidente da Academia Brasileira de História da Enfermagem. Coordenador do PPG ENF/BIO e líder do grupo de pesquisa LACUIDEN do CNPq.

ID Lattes: 4619352168058936.